

MANOEL DE BARROS: INFÂNCIA, IMAGEM E CONHECIMENTO

Prof^a. Dr^a. Mara Conceição Vieira de Oliveira¹ (CSJ – UFJF)

Resumo:

Este artigo empreende uma análise das imagens da narrativa poética de Manoel de Barros em Exercícios de ser Criança. Verificar-se-á em relação à recepção, o grau de interesse despertado no leitor, a construção intersubjetiva dos perfis identitários e a construção do conhecimento oriundo do texto literário. De acordo com Barros, “Nada há de mais prestante em nós senão a infância. O mundo começa ali.” Este mundo que começa na infância é influenciado e construído pelas associações e transferências. As narrativas ficcionais organizam para as crianças o mundo que aparentemente é caótico e confuso. Ao ouvirem ou mesmo lerem histórias elas podem mediar a realidade imediata e a experiência sensível. A abordagem teórica apóia-se principalmente em Walter Benjamin. A pesquisa de campo por amostragem foi realizada com 30 pré-adolescentes do 6ºano/5ªsérie de uma escola da rede particular de ensino em Juiz de Fora –MG.

Palavras-chave: Literatura, Infância, Conhecimento, Experiência

“Nada há de mais prestante em nós senão a infância. O mundo começa ali.”

Manoel de Barros.

Introdução

O mundo começa na infância e será conhecido pela criança de acordo com a experiência vivida por ela. Relacionando experiência humana e pobreza, Benjamin fará menção à infância. Ler-se-á *Exercícios de ser criança* considerando a narrativa ficcional um espaço singular para a construção do conhecimento. Essa obra propicia uma *conversa infinita*, um modo de conhecer o mundo, descrito por Maurice Blanchot, para o qual não há um ponto de chegada definido. Um modo em que o conhecimento se dará no percurso sempre inacabado, inscrevendo uma razão outra.

Lançando o olhar para essas teorias e percebendo a recepção do texto *Exercícios de ser criança*, de Manoel de Barros por 30 alunos do 6ºano/5ªsérie é que proponho a presente reflexão.

Infância e Experiência

Benjamin (1994), desde o início do século XX, já apontara uma forte preocupação em relação à *pobreza de experiência*. Segundo ele, o capitalismo homogeneiza a experiência humana que será substituída progressivamente por um padrão coletivo de comportamento, de modo que verá a linguagem como forma de tentar escapar das discrepâncias, do utilitarismo e da praticidade que caracterizam a sociedade capitalista. De acordo com ele, “uma nova forma de miséria surgiu com o monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem.” (1994, p.115) Convencido da pobreza da experiência humana, Benjamin passa a fazer alusão à infância, fase esta que também é solapada pelas terríveis histórias de experiência dos adultos, pois aos poucos: “...somos tomados pelo sentimento de que nossa juventude não passa de uma curta noite (vive-a plenamente, com êxtase!); depois vem a grande ‘experiência’, anos de compromisso, pobreza de idéias, lassidão. Assim é a vida, dizem os adultos, eles já experimentaram isso.” (BENJAMIN, 2002, p.22)

Desse modo, é conhecida mais uma terrível experiência, a de aniquilar os sonhos da infância e/ou da juventude. Porém, para Benjamin, a verdadeira experiência “jamais estará privada de espírito se nós permanecermos jovens”(BENJAMIN, 2002, p.24), ou seja, empreendendo o *exercício de ser criança* sugerido por Barros. Permanecendo jovem, o homem não abandonaria o espírito: “O

jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe for a conquista de coisas grandiosas, tanto mais encontrará o espírito por toda parte em sua caminhada e em todos os homens.” (BENJAMIN, 2002, p.24) Por isso a necessidade de se admitir uma experiência que exceda a própria realidade fenomenológica; uma experiência que ao esbarrar nos limites do real situa-se no espaço do vir a ser, aceitando “fundar a coragem e o sentido naquilo que não pode ser experimentado”. (BENJAMIN, 2002, p.23) Ou ainda, como diz o poeta, uma experiência que faça compreender que “as coisas que não existem são mais bonitas”. (BARROS, 2001a, p. 77)

Olhar o mundo e buscar o conhecimento naquilo que não pode ser experimentado e/ou compreender que as coisas que não existem são mais bonitas seriam gestos que não apenas fundam uma outra razão – *a poética*, mas encenam atitudes próprias da infância.

Se entendemos que ao ouvirem ou lerem histórias as crianças relacionam seus mundos ficcionais e reais é imprescindível saber que histórias são oferecidas a elas e como são lidas. Segundo Benjamin, “a criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’ ” (2002, p.55). Porém, contrariando esta expectativa da criança, foram-lhe oferecidos durante muitos anos de história brinquedos, roupas e historinhas, que antes de satisfazê-la, atendiam aos interesses dos adultos ou à vontade da ideologia dominante. Vários contos e fábulas foram durante séculos usados como cartilha comportamental e até mesmo serviram como orientação nas aulas de catequese; nesse uso elidiram-se seus aspectos fabulosos e maravilhosos, reconhecidos hoje pela psicopedagogia como importantes para o desenvolvimento cognitivo, bem como para a formação integral da criança.

Tendo uma função pedagogizante e servil a uma filosofia positivista, os brinquedos e/ou livros demasiadamente enfeitados, coloridos e bem acabados tinham um valor mercadológico, atendendo primeiro à sociedade de consumo, pois, ao contrário disto,

... as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos (...) Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. (...) Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Um tal produto de resíduos é o conto maravilhoso, talvez o mais poderoso que se encontra na história espiritual da humanidade: resíduos do processo de constituição e decadência da saga. A criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos e material de construção. Ela constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre os elementos do seu mundo. (BENJAMIN, 2002, p.57-58)

Esta maneira despreziosa como a criança lida tanto com os conteúdos dos contos maravilhosos quanto com os resíduos é similar à atitude revelada na poesia de Barros, o poeta que aprecia aquilo que convencionalmente fora denominado inútil. É, pois, do inútil, do resíduo, que a criança e Barros buscam formas para compreender o mundo que os circundam. A relação com a coisa residual fará com que ela seja ressignificada, tendo uma significância singular aos olhos daquele que a contempla.

Assim surge, uma razão que compreenderá a passagem do dia para a noite pela música e deixará a lata (objeto inútil) se transformar em maravilhoso brinquedo.

O mundo meu é pequeno, Senhor.
Tem um rio e um pouco de árvores.
Nossa casa foi feita de costas para o rio.
Formigas recortam roseiras da avó.

Nos fundos do quintal há um menino e suas latas maravilhosas.

Seu olho exagera o azul.

Todas as coisas deste lugar já estão comprometidas com aves.

Aqui, se o horizonte enrubesce um pouco, os besouros pensam que estão no incêndio.

Quando o rio está começando um peixe, Ele me coisa.

Ele me rã.

Ele me árvore.

De tarde um velho tocará sua flauta para inverter os ocasos. (BARROS, 2001a, p. 75)

O papel da imaginação é fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança e de sua atividade criadora. Quando brinca, a criança vive, revive, elabora e reelabora suas necessidades, desejos e conflitos, organizando o mundo que aparentemente lhe parece caótico. A brincadeira, por mais “infantil” que pareça, tem suas regras, de modo que a criança também pode aprender e/ou organizar-se por meio dela. Pelas brincadeiras e histórias a criança realiza a experiência da linguagem e, diferente do adulto, arrisca-se na imaginação em busca de soluções que possam lhe auxiliar no conhecimento de si, dos outros e do mundo.

Para Benjamin a infância é extremamente reveladora do homem, e embora possa haver uma desfiguração das imagens da infância em função da terrificante experiência adulta, o comportamento adulto está intrinsecamente ligado a sua vivência infantil, pois “o sujeito da história sempre é, ao mesmo tempo, a criança perdida, o adulto preocupado de hoje e o desconhecido de amanhã.” (GAGNEBIN, 1999, p. 89) Além da distância de tempo entre a criança e o adulto, a qual, paulatinamente, passará a exigir do adulto uma postura outra, há um mal-entendido a respeito da infância. Muitos adultos entendem a infância como uma fase tola, desimportante, na qual os conteúdos são insignificativos e as falas inadequadas; porém de acordo com a análise de Gagnebin sobre a *Infância Berlinese* de Benjamin: “... as deformações e os deslocamentos lingüísticos infantis são sempre mencionados como apontando para aspectos desconhecidos, negados, ou recalçados, que as coisas e as palavras, se cessarmos de considerá-las unicamente no seu contexto instrumental, nos lançam à cara...” (GAGNEBIN, 1999, p.82)

Logo, considerar as palavras e as coisas em seu sentido unicamente instrumental pode significar a negação de uma experiência ou ademais a constatação de que nossas expectativas da infância não foram realizadas, à medida que o tempo passou.

De acordo com Benjamin, o sujeito não se construiria apenas pela afirmação consciente de si, mas se abre para uma dimensão involuntária; inconsciente, da qual participam a vida da lembrança e do esquecimento. Segundo Gagnebin a ação de Benjamin em visitar sua “infância berlinese” não é apenas um gesto que retrata lembranças ou esquecimentos, mas é também uma atitude política, ou seja, uma atitude de alguém que participa de seu tempo e de sua história.

A infância é um momento rico na busca do conhecimento em relação à natureza animal, vegetal e material do mundo, e à própria linguagem. Ao procurar respostas, a criança não se prende ao convencionalismo do mundo adulto prático e utilitário. O adulto talvez saiba que é menos possível conhecer, de fato, e mais possível sentir, embora muitas vezes iniba as percepções do mundo chegando a se incomodar com elas. Porém, o excesso de racionalismo faz com que a razão humana apenas considere os acontecimentos dentro de uma relação de causa e efeito. Por sua parte, a criança parece não se indispor com a incerteza acerca de algumas questões. Ela aceita o jogo do *faz de conta* e acaba experimentando aquilo que para o homem adulto é fugidio. O mundo infantil,

cheio de falas e imagens altamente poéticas, revela, ao aceitar o faz de conta, os aspectos fantásticos e maravilhosos da experiência.

Aceitar o jogo é a maneira de a criança compreender o mundo, transformando, pois, em brincadeiras aquilo que não pode conhecer. Pela brincadeira a criança aceita adiar as respostas, admite o irreal, mergulha no imaginário e experimenta as sensações do fabuloso. Cria-se uma possibilidade de conhecer o mundo por meio daquilo que não é real ou por meio de uma experiência apofática, uma vez que a explicação para a língua da criança pode ser entendida pelo poeta como a “desexplicação”.

Desexplicação

Língua de criança é a imagem da língua primitiva.

Na criança fala o índio, a árvore, o vento.

Na criança fala o passarinho

O riacho por cima das pedras soletra os meninos.

Na criança os musgos desfalam, desfazem-se.

Os nomes são desnomes.

Os sapos andam na rua de chapéu.

Os homens se vestem de folhas no mato

A língua das crianças contam a infância em tatibitati e gestos. (BARROS: 2001b)

Haveria nisso algo que não seria conhecido realmente, mas depreendido da imagem que a palavra não consegue escrever senão conjugada com outras na composição de uma imagem. Talvez, em conformidade com Benjamin, seja assim a revelação do inexpressável. A língua da criança, ao ser a imagem da “língua primitiva”, não manteria as relações semânticas pré-estabelecidas entre os signos lingüísticos e nem mesmo pragmáticas, de modo que os sapos podem andar de chapéu pelas ruas ou os homens se vestirem de folhas no mato.

Ao transitar entre o real e o irreal, a criança satisfaz provisoriamente seu desejo de conhecer. A saída da realidade dá a ela uma outra razão, uma outra lógica para a compreensão do mundo. Em relação a isso os contos de fadas servem como exemplo. Eles apresentam um enredo com estrutura fixa e de uma situação-problema, vinculada à realidade, a história passa por um desequilíbrio. No desenvolvimento está presente a busca de soluções com a ajuda de personagens mágicos, voltando ao equilíbrio no final da narrativa, ou seja, retomando uma condição mais próxima da realidade.

A experiência da linguagem nas narrativas e nas brincadeiras infantis é marcada pela aceitabilidade do jogo e, sem que ninguém previamente a oriente, a criança permite este acontecimento. Uma vez que a criança recebe tão despreziosamente o inacabado, a não-resposta, o faz de conta, eu diria que na infância a busca pelo conhecimento poderia ser inscrita também no contexto derridiano da promessa, pois ela, ao vivenciar o universo desconhecido, não exige dele uma resposta definitiva. Suas perguntas acabam por aceitar outras perguntas como respostas, que anunciam frequentemente o porvir, delineando um discurso no qual se cria o espaço do indecível e de acontecimentos experimentados pelos contos e brincadeiras, que se revelam pela marca da não-presença. Neste contexto, o termo *não-presença* representaria toda a inventividade mágica e fantástica dos contos e brincadeiras, aquilo que estaria presente apenas no imaginário ou na linguagem que sustentará a fantasia.

Benjamin discute a linguagem também a partir de uma *teoria mimética*. A compreensão da linguagem pela capacidade mimética faria com que o homem descobrisse na natureza analogias e correspondências. Historicamente supõe-se que a linguagem surgiu de uma mímica gestual primitiva e gradativamente o som que representava um simples acompanhamento do gesto separou-

se dele. Segundo comenta Benjamin em *A Doutrina das Semelhanças*, a faculdade mimética consiste em um processo engendrador das semelhanças e o homem tem a capacidade suprema de produzir semelhanças, ou seja, de imitar. Mesmo reconhecendo que a noção de semelhança seja vasta e amplamente discutível, Benjamin propõe alguns exemplos para pensá-la e entende que ela determina os homens de dois modos, consciente e inconscientemente. Na exposição desses exemplos Benjamin diz que: “... a brincadeira infantil constitui a escola da faculdade ontogenética. Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento e trem.” (BENJAMIN, 1994, p. 108)

Além de compreender os jogos infantis como uma manifestação do comportamento mimético, Benjamin verifica a influência da faculdade mimética sob a linguagem. A linguagem permite uma compreensão do conceito de semelhança extra-sensível, ou seja, da semelhança que não se define exclusivamente por um modo de aproximação baseado em fundamentos sólidos. Assim, a linguagem não é apenas um sistema convencional de signos e por isso as semelhanças estabelecidas por ela serão relativas, isto é, sensíveis, dependendo, é claro, de um referente. De modo que a leitura pode ser instrumental ou mágica, mas apenas a mágica corresponderia às possibilidades de interpretações e de uma experiência extra-sensível.

Todavia, nota-se uma certa falta de prestígio em relação à leitura não-instrumental. O caráter mimético da linguagem assume formas diretas e convencionais que correspondem sem qualquer reflexão aos seus significantes, porém “...a leitura mágica submete-se a um tempo necessário, ou antes, a um momento crítico que o leitor por nenhum preço pode esquecer se não quiser sair de mãos vazias.” (BENJAMIN, 1994, p.113) Esse momento mágico parece se realizar mesmo que de modo inconsciente nos jogos infantis, nos quais a experiência sensível não se deixa anular. Atento a essas duas leituras (a instrumental e a mágica), Benjamin indaga se a capacidade mimética teria se extinguido ou se transformado na sociedade moderna.

Podemos supor que Benjamin se refere à infância ou à linguagem pensada pela criança, porém é preciso acrescentar e salientar aqui a idéia de uma infância da linguagem, ou seja, da procura por uma linguagem menos gasta, contrária ao convencionalismo e à lógica instrumental, mas que não se revela apenas nas falas infantis; reporto-me, pois, à linguagem da narrativa em Barros, da qual algumas imagens representariam essa possível maneira de voltar ao passado ou de realizá-lo no presente, percebida por Benjamin.

Como os alunos experimentaram o exercício de ser criança?

As narrativas ficcionais oferecem às crianças e jovens uma outra perspectiva para se olhar o mundo, na qual o papel do professor é muitas vezes determinante. Até o 5ºano a perplexidade da criança diante do texto literário é mais intensa, porém a partir dessa época ela parece se encantar menos com os narrativas ficcionais. Ler *Exercícios de ser criança* pretendia, de fato, exercitar o ser criança, o permanecer se encantando com o jogo da linguagem na construção do fabuloso. Não abordarei aqui as complicadas relações entre práticas de leitura e escola. Tomarei como referência o texto: *Exercícios de ser criança*, os alunos e algumas intervenções feitas por mim em sala.

Resistindo em serem considerados crianças, alguns alunos já se inquietaram com o título. Porém, ao adentrarem no texto, alguns consideraram-no difícil e perceberam que não se tratava de um material dirigido especificamente a “criançinhas”. Essa foi a primeira dificuldade, facilmente superada, para então começarmos efetivamente a análise do texto que busca uma forma de conhecimento outra, verificando sobretudo em que medida a linguagem permite a referida experiência sensível.

Revestidas daquilo que é ditado pelo imaginário, as imagens poéticas expressam características próprias da criança, e em conformidade com Breton podemos perceber que de fato a poesia pode fazer “reviver com exaltação a melhor parte da infância” (BRETON, 2001, p.56). Assim, os

epsódios que a princípio foram por alguns considerados absurdos, foram se tornando familiares de modo que os leitores desta pesquisa diziam: “Ah! Eu já fiz isso!” e reviviam partes de sua infância ainda bem presente.

A maior dificuldade deles foi decodificar as metáforas, por isso eu ofereci algumas chaves de leitura. Dentre as duas histórias: *O menino que carregava água na peneira* e *A menina avoadada*, eles destacaram maior interesse pela primeira de modo que passarei a considerá-la a partir das análises desses leitores.

Disseram-me que carregar água na peneira é como viver, pois nunca conseguimos realizar tudo que queremos. Na peneira não carregamos a água toda, mas apenas algumas gotinhas.

O entendimento rigorosamente literário fez com que alguns alunos desejassem ser filhos da mãe de Manoel de Barros. Essa mãe não dizia que era absurdo as idéias do filho, mas esticava as imagens metafóricas dando asas à imaginação do menino: “Viu professora! A mãe dele entende ele”. Surgiam assim as associações e, é claro, a reflexão sobre uma condição pessoal a partir da narrativa ficcional. Outra aluna disse que deixou de ter medo do vento depois de escrever uma narrativa sobre vento e fantasmas; segundo ela, pela experiência da escrita entendera que as coisas das quais tinha medo só existem na invenção, ou seja, quando escritas.

Entender a narrativa ficcional como solução dos conflitos não é mais uma ilusão de muitos pré-adolescentes. Alguns consideram que esse texto não resolve seu problema, mas alivia sua mente, tendo a função de entretenimento: “...escrevendo podemos soltar a nossa imaginação, porque na escrita você pode ser tudo. Foi o que fizemos no *Museu Vivo* na Mostra Cultural do Colégio, foi como se representássemos os personagens saindo do livros. Foi maravilhoso. Isso nos fez esquecer os problemas do mundo real.” Porém a noção de totalidade própria da estrutura narrativa não deixa de organizar o mundo e talvez mostrar um sentido para a vida aparentemente tão precária, comenta um leitor que: “Carregar água na peneira é impossível, não teria fim, mas escrever é uma coisa que tem fim.”.

A imagem da água na peneira fixou-se, e precisei apontar outras. Os leitores pareciam encantados com a possibilidade de peraltagens virar poesia. Um perguntou-me se poderia levar uma peneira na próxima aula para fazermos testes. Mas a imagem do vazio interessava-me, e eles não a citaram, por isso perguntei: Por que os vazios são maiores e até infinitos? Para minha surpresa, resposta imediata: “Porque dá para fazer mais coisas, tem mais espaço, espaço para escrever o que quiser inventar (...) nós não inventamos o Pinóquio tecnológico?” e ainda: “...é assim, você dá espaço para nossas maluquices, igual esse menino aí do pantanal...”.

E assim alguns reconheceram que pela escrita podem criar os mundos que desejarem, pois “No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. O menino aprendeu a usar as palavras. (BARROS, 1999) Tais imagens constatariam uma forma de conhecimento que escapa dos limites de uma experiência objetiva. A experiência revelada nestes versos de Barros se excede pela linguagem, de modo que podemos dizer com ele que: “Imagens são palavras que nos faltaram”. (BARROS, s/d, p. 296)

Aproximando, pois, o olhar da criança do olhar do poeta, eles puderam perceber que os despropósitos não são tão absurdos. Assim pretendeu-se aqui relatar a experiência de uma observação e de uma possibilidade de se lidar com alguns textos literários que possam favorecer leituras desconstrutoras e produtoras de um conhecimento que possa delinear uma outra lógica, talvez menos preconceituosa, para os jovens leitores.

Em *Exercício de ser criança* há uma crítica implícita ao enrijecimento do qual nos revestimos e muitas vezes revestimos nossos alunos. Lemos, reescrevemos e falamos tão sofisticadas teorias, mas como lemos e percebemos os despropósitos dos alunos? Em que medida deixamos de criar espaços de leitura que favoreçam a subjetividade e valorize os perfis identitários? Em que medida

as crianças perdem a perplexidade pelas coisas? Quando isso acontece? Quando deixamos de olhar o mundo de azul?

Na quinta série há um discurso comum de que a brincadeira acabou, de que a partir dali é para valer, como se antes não fosse. Parece-me que toda a leitura mágica pensada por Benjamin teria data marcada para acabar: a 5ª série, pois a partir dela a infância acabaria. Mas o homem não deixaria de se encantar, de se perplexibilizar, realizando o exercício de ser criança, uma atitude que convida o leitor a continuar atravessando rios inventados e por essas travessias entender que também é possível saber das coisas. Tal é a aceitabilidade do conhecimento por meio de uma experiência da linguagem.

Barros revela a pobreza da experiência humana, sim; mas também aponta uma outra possibilidade para conhecermos a vida e a arte. Ele cria uma série de neologismos e sinestésias, usando também um vocabulário coloquial e prosopopéias, vai desnomeando as coisas e alimentando sua poesia de imagens. A sua proposta de poesia é se aproximar das coisas chãs e da natureza, desvestindo as palavras de seus significados gastos e de seus nomes que as aprisionam num mundo de conceitos cada vez mais fechados. Tal como as crianças, Barros muda a função da palavra e de seus significados, até chegar, segundo ele, ao estado de coisa, de pedra, de árvore. Dessa forma ele chega até a coisa não pelo nome, mas pela *coisidade* – pela coisa em si mesma, e renovando o mundo dos objetos, diz querer avançar para o começo, a fim de chegar ao criancimento das palavras.

Carrego meus primórdios num andor.
Minha voz tem vício de fontes.
Eu queria avançar para o começo.
Chegar ao criancimento das palavras.
Lá onde elas ainda urinam na perna.
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.
Pegar no estame do som.
Ser a voz de um lagarto escurecido.
Abrir um descortínio para o arcano.

(BARROS, 2004, p.47)

Nota-se com isso que, antes de sensibilizarmo-nos com uma experiência permitida pela linguagem poética; antes de aceitarmos a criança em nós, “obedecendo à desordem das falas infantis” (BARROS, 2005, entrevista) ou até mesmo de algumas atitudes; antes de deixar vir o incognoscível, é preciso desejar, pois as palavras e as coisas estão *acostumadas*.

A poesia permitindo o resgate da palavra, a visita ao passado, a percepção da criança adormecida na memória do adulto, talvez possa servir para que o homem encontre consigo e com os outros na busca da mais autêntica forma de existência da contemplação e, é claro, de uma experiência bem menos “pobre”.

Conclusão

Em Barros a poesia pode representar a crítica à *experiência pobre* de que nos fala Benjamin. Adornada pelo requinte e pela sensibilidade do “espírito jovem”, a poesia deixa vir a voz da criança, marcada por uma experiência que se expõe como revelação exatamente por acreditar em milagres e não duvidar do que é mistério. “Os milagres estéticos são milagres. Eles hão de não ter explicação – como todos os milagres. Porque são mistérios.” (BARROS, 2005, entrevista)

A arte, embora utilize técnicas, desvenda o mundo e recria-o em outra dimensão, na qual os conhecimentos mágicos, ilusórios e irreais tomam parte; assim, ela está sempre disposta a experimentar o novo e a se arriscar nos deslimes dos mistérios. A imagem poética fugiria de qualquer tentativa formalista de interpretação total, dando ao homem a condição de resgatar sua liberdade. Trata-se de um conhecimento que se arrisca naquilo que não se mede: a sensibilidade, a percepção, o sentido, mas que é intrínseco ao homem. Num movimento de busca incessante e sempre provisória, a poesia abre espaço para outras possibilidades do nosso conhecer, as quais às vezes são tomadas por um gesto parecido com atitudes próprias da infância. As imagens em Barros têm uma função reveladora, mesmo que ficcionalizante, de distintos locais de enunciação, os quais permitem uma passagem pela experiência do outro e pela representação cultural identitária.

Bibliografia:

- [1] AMARILHA, M. *Estão mortas as fadas?* 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- [2] BARROS, Manoel. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra. 1999.
- [3] _____. *O livro das ignoranças*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record. 2001a.
- [4] _____. *Poeminhas pescados numa fala de João*. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2001b.
- [5] _____. *Livro sobre nada*. 11ªed. Rio de Janeiro: Record. 2004.
- [6] _____. Entrevista concedida a Mara Conceição Vieira de Oliveira, em 2005, durante o curso de doutoramento em Letras pela Universidade Federal Fluminense, 2005.
- [7] _____. *Gramática expositiva do chão (poesia quase toda)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. s/d.
- [8] BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª Ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1994. (Obras escolhidas; v.I)
- [9] _____. *Rua de mão única*. 5ª Ed. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa e Pierre Paul Michel Ardengo. São Paulo: Brasiliense. 1995. (Obras escolhidas; v.II)
- [10] _____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34. 2002.
- [11] BLANCHOT, M. *A conversa infinita*; tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- [12] BRETON, A. *Manifesto do Surrealismo*. Tradução: Sergio Pachá. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.
- [13] DERRIDA, J. *Salvo o nome*. Tradução: Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1995a.
- [14] _____. *Khôra: ensaio do nome*. Tradução: Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1995b.
- [15] GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

Autora

¹ **Mara Conceição Vieira de OLIVEIRA, Profª Dra.**

Colégio São José

Universidade Federal de Juiz de Fora

maravioli@yahoo.com.br

Textos do Livro *Exercícios de ser criança*

O menino que carregava água na peneira, de Manoel de Barros.

Tenho um livro sobre águas e meninos
Gostei mais de um menino
Que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
Era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito
Por que gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de interromper o voo de um pássaro botando ponto no final da frase.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios com as suas peraltagens
E algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos.

A menina avoadada, de Manoel de Barros

Foi na fazenda de meu pai antigamente.
Eu teria dois anos; meu irmão, nove.
Meu irmão pregava no caixote duas rodas de lata de goiabada. A gente ia viajar.
As rodas ficavam cambaías debaixo do caixote:
Uma olhava para a outra.
Na hora de caminhar as rodas se abriam para o lado de fora.
De forma que o carro se arrastava no chão.
Eu ia pousada dentro do caixote com as perninhas encolhidas. Imitava estar viajando.
Meu irmão puxava o caixote por uma corda de embira.

Mas o carro era diz-que puxado por dois bois.

Eu comandava os bois:

- Puxa, Maravilha!

- Avança, Redomão!

Meu irmão falava que eu tomasse cuidado, porque Redomão era coiceiro.

As cigarras derretiam a tarde com seus cantos.

Meu irmão desejava alcançar logo a cidade –

Porque ele tinha uma namorada lá.

A namorada do meu irmão dava febre no corpo dele.

Isso ele contava.

No caminho, antes, a gente precisava de atravessar um rio inventado.

Na travessia o carro afundou e os bois morreram afogados.

Eu não morri porque o rio era inventado.

Sempre a gente só chegava no fim do quintal.

E meu irmão nunca via a namorada dele –

Que diz-que dava febre em seu corpo.